

GIROUX, Chandra (ed.), *Plutarch: Cultural Practice in a Connected World*, Teiresias Supplements Online, Vol. 3, Universitäts-und Landesbibliothek Münster, Münster, 2022, 188 pp. ISBN: 978-3-9821178-1-2

Resultante de um evento científico que ocorreu na Universidade de Münster, em Fevereiro de 2022, este Volume reúne oito estudos sobre a representação de práticas culturais do passado e do presente em Plutarco, na forma de atividades, rituais, linguagem ou outros aspetos da vida diária dos intervenientes nas biografias e nos tratados morais, combinando tradição e características próprias da época em que escreve, com marcas culturais de locais ou espaços específicos, a par de uma perspetiva mais global.

O estudo de Karin Schlapbach (“The Place of Dance in Plutarch’s World. Written Traces of a Physical Cultural Practice”) aborda um tema pouco estudado em Plutarco: a representação da dança. De facto, esta arte, enquanto expressão cultural, relaciona-se com o espaço, numa dimensão muito física. Apesar de a dança, os bailarinos ou o coro serem várias vezes referidos por Plutarco, a interpretação é complexa: por um lado, a dança não é referida de forma isolada, mas associada à *mousike*, não sendo possível interpretar, com clareza, a prática cultural, com exceção das referências feitas no tratado *Quaestiones convivales*, uma vez que aí ela surge como um elemento central; por outro, é preciso ter em conta que o valor cultural da dança é muito anterior a Plutarco, com funções distintas ao longo do tempo e marcada por contextos espaciais e sociais. Como realça a A., as referências à dança são, na sua maioria, muito gerais, ainda que associadas a ocasiões específicas, mas que tanto surgem em textos filosóficos, históricos ou de cariz mais literário. Depois da contextualização temática, o estudo concentra-se na análise do tratado *Quaestiones convivales*, procurando identificar quem dança e como se processa a performance. Além disso, distingue as danças civilizadas das que têm uma conotação mais negativa, que comprova a dimensão cultural desta atividade, seja por causa da condição social, do género ou da origem étnica.

No capítulo seguinte, Sebastian Scharff (“No Life without Athletics. Plutarch and Greek Sport”), ao comparar algumas referências conjuntas

que Plutarco faz a atletas e a soldados (por exemplo, *Phil.* 3.2-4; *Alex.* 4.5; *Quaest. conv.* 639A-640A), notou alguma ambiguidade quanto à compatibilidade entre a atividade atlética e a vida militar. Por isso, o objetivo do A. é analisar a percepção negativa de Plutarco em relação aos atletas, mas também a valorização do exercício físico. Desenvolve o seu raciocínio em estrita ligação com o sentido da *paideia* e o papel do filósofo em Plutarco. Conclui-se neste estudo que o Queronense adapta a sua conceção ao contexto específico, de forma a conseguir realçar algumas características do biografado, como sucede com Filopémen.

Baseando-se na vida de Artaxerxes, uma biografia de Plutarco que não tem par e que é fora do espaço greco-romano, Rebecca Moorman (“Feeling Scaphism: Enargeia and Assimilation in the Artaxerxes”) analisa a narrativa da execução de Mitridates por escafismo. O episódio denota a crueldade de Artaxerxes e poderá Plutarco querer evidenciar com isso a brutalidade dos costumes bárbaros, por oposição aos gregos e romanos. No entanto, como refere a A., esse retrato negativo da ação de Artaxerxes opõe-se à caracterização positiva que surge na primeira parte da biografia. Além disso, este capítulo enfatiza a forma vívida da descrição do escafismo, que também serve de lição moral, de tal forma que transfere para a audiência uma experiência sensorial e a possibilidade de imaginar o quadro de horror do momento, que pode gerar duas ações paradoxais: condenação e rejeição, ou uma atração estética.

O objetivo de Thomas Schmidt (“Local Past and Global Present in Plutarch’s Greek, Roman, and Barbarian Questions”) é analisar a presença de tradições locais nos tratados *Quaestiones Romanae et Graecae* e *Quaestiones Barbaricae*, obras que testemunham a elevada erudição de Plutarco e a sua tendência para cruzar o passado com o presente. Quanto às *Quaestiones Graecae*, as tradições e práticas culturais são sobretudo locais e fazem parte de uma tradição ancestral. Além disso, salienta o A. que, em 40 das 59 questões, Plutarco usa o presente, que demonstra a sua atitude face à atualidade, numa perspetiva de autognose. Nas *Quaestiones Romanae*, por sua vez, também a tradição passada está em conexão com o presente, recorrendo a temas como a religião, rituais ou instituições militares, com a apresentação de várias hipóteses de resposta às questões, ao contrário do que sucede nas *Quaestiones Graecae*. Sobre o tratado *Quaestiones Barbaricae*, apesar de se ter perdido, é possível reconstruir a partir dos tratados morais um conjunto de questões que integrariam esse tratado e concluir que haveria referência, por exemplo, a uma grande diversidade

geográfica (Egipto, Pérsia, Judeia, Etiópia, entre outros locais). Assim, o olhar cultural de Plutarco não se concentra no mundo helénico, mas integra um espaço global, em que se iluminam, mutuamente, passado e presente.

No capítulo 5, Jeffrey Beneker (“The Last of the Greeks, and Good Riddance: Historical Commentary in Plutarch’s Philopoemen-Flamininus”) propõe uma análise do par Filopémen (*philonikia*)-Flaminino (*philotimia*), que junta duas figuras históricas contemporâneas, seguindo como fonte principal Políbio. Da sua leitura, resulta a ideia de que Plutarco considera haver, entre os Gregos, mais paz no momento em que escreve, apesar de estar sob domínio romano, do que no passado. Este par, com as diferenças e semelhanças entre Filopémen e Flaminino, demonstra que, na dinâmica comparativa, a biografia romana pode ter o efeito de nos conduzir pela leitura da biografia grega, nomeadamente para compreendermos algumas referências ou mesmo ausências.

Susan Jacobs (“Building Cultural Bridges to Statesmen of the Past: Plutarch’s Heroes as Guides to City Leaders”) analisa outra característica da prática cultural: a conduta política de quem lidera, combinando-se a individualidade e a ação pública. Tal como outros estudos deste volume, também neste caso se refere que Plutarco usa ações políticas de heróis do passado para as adaptar ao contexto do período imperial. Para a A., é fundamental proceder a essa leitura a partir de um binómio: a estrutura política de Roma e a *paideia* grega. Com base em algumas *orationes* de Díon de Prusa, identifica vários aspetos da administração política das cidades e de estratégias para a manutenção da concórdia entre elas. Depois, de forma muito estruturada, aponta as referências que Plutarco, no tratado *Praec. ger. reip.*, faz às qualidades de liderança política. Junta à sua análise três pares biográficos: *Solon-Publicola*, *Aristides-Cato Maior* e *Phocion-Cato Minor*. Destas narrativas, constata-se que Plutarco cria pontes entre o passado e o presente, o local e o global ou entre o mundo romano e o grego.

Noreen Humble (“Plutarch’s Imaginary Sparta: Hybridity and Identity in a Paradoxical Community”), no capítulo 7, procura avaliar a importância da identidade espartana na obra de Plutarco, questionando a A. algumas considerações de H. Liebert (2016), que não só considera Licurgo o *alter ego* literário de Plutarco, como classifica Esparta de “city par excellence”. Sem aprofundar as teorias sobre a narrativa de Plutarco, considera que, em alguns aspetos, revela uma certa forma de resistência, atendendo ao contexto político e social. Num equilíbrio complexo entre as diversas construções culturais, mais globais ou locais, Plutarco representa uma visão

cultural híbrida, com ténues fronteiras, em que a identidade grega resiste à hegemonia romana.

No último capítulo, o estudo de Chandra Giroux (“Beyond Bacon: Plutarch and Boiotian Culture”) detém-se na forma como Plutarco representa a Beócia, que, em geral, tem uma conotação negativa, por ser associada, por exemplo, à estupidez ou a um espírito rude. Como demonstra a A., a Beócia desempenhou um papel relevante na história helénica, sendo o berço de Píndaro, Hesíodo ou Hércules. Regista, ainda, a sua considerável unidade cultural, por meio de rituais, cultos ou outras práticas. Também merece referência a capacidade de organização e realização militar das cidades da Beócia. Atendendo à forma como Plutarco apresenta a Beócia e as suas realizações culturais, conclui-se que a descrição é muito positiva, sublinhando-se que a narrativa negativa teria como objetivo afirmar a superioridade de Atenas, ainda que isso conduza a uma desvalorização, injusta, do contributo de outras cidades para a identidade grega.

No Epílogo, Hans Beck reafirma algumas das considerações que podemos ler nos capítulos que integram este Volume: Plutarco oferece-nos uma narrativa de compromisso e também de resistência cultural, por conciliar a tradição do passado com o presente. Além de ser uma fonte valiosa de informações, a obra de Plutarco contribui para uma reflexão sobre fronteiras culturais e civilizacionais, bem como sobre a dimensão global e local das práticas culturais.

Por fim, consideramos que o tema deste Volume é bastante atual, com estudos que abordam vários aspetos culturais, apoiados em bibliografia muito atualizada. Salientamos, ainda, a coerência temática, bem como o rigor da edição, com uma metodologia bem definida e que facilita a leitura.

JOAQUIM PINHEIRO

Universidade da Madeira

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

pinus@uma.pt

orcid.org/0000-0002-5425-9865